

OBSERVARE 2nd International Conference

2 - 3 July, 2014

II Congresso Internacional do OBSERVARE

2 - 3 Julho, 2014



Actas

Universidade Autónoma de Lisboa | Fundação Calouste Gulbenkian

<http://observare.ual.pt/conference>



A África-colonial e a I Guerra Mundial: A participação africana no conflito euro-mundial de 1914-1918

*por: Eugénio Costa Almeida, Investigador do CEI-ISCTE-IUL**

Resumo escrito dos 15 diapositivos apresentados (dia 3 de Julho no 9º Painel):

Resumo:

Será abordada a participação dos soldados africanos na I Guerra Mundial e como isso contribuiu para a redefinição das fronteiras africanas após o armistício, bem como, a consciencialização política dos africanos para a afirmação da sua cultura e identidades políticas e sociais no desenvolvimento das linhas pragmáticas que conduziram, mais tarde, às independências coloniais.

Palavras-chave: África, Colónias, Guerra, Direitos Humanos, Fronteiras

Abstract:

The participation of African soldiers in World War I is discussed and how this contributed to the redefinition of African borders after the armistice, as well as the political awareness of Africans to the affirmation of their culture and social and political identities in the development of pragmatic lines led later to colonial dependencies.

Keywords: Africa, Colonies, War, Human Rights, Political borders

***Nota biográfica:** *EUGÉNIO Luís da COSTA ALMEIDA, (elcalmeida@gmail.com), luso-angolano, Licenciado (Universidade Lusíada de Lisboa) e Mestre em Relações Internacionais; e Doutorado em Ciências Sociais, na especialidade de Relações Internacionais (ambos pelo ISCSP-UL). Com 3 livros de ensaios publicados e intervenção e publicação em algumas obras publicadas (ensaios, prefácios e poesia). Investigador do Centro de Estudos Internacionais do ISCTE (CEI-IUL) e participação em Debates e Conferências como orador e moderador; igualmente referenciado como reviewer de textos científicos.*

Estrutura do tema apresentado:

- 1. Introdução:**
- 2. Os participantes:**
- 3. Situação prévia em África:**
- 4. Participação africana:**
- 5. A nova África pós 1918:**
- 6. Conclusão:**

Temas a abordar:

1. Introdução:

Muitos (...) soldados, como outros africanos, nomeadamente os europeizados, esperavam que a participação numa guerra que não lhes dizia respeito fosse recompensada com melhorias constitucionais, económicas e sociais nos seus territórios de origem. Não o foram, o que deu azo a radicalização de um anticolonialismo latente. As elites africanas esperavam que os princípios da autodeterminação (e, de certo modo, a antecipação do princípio da nacionalidade) enunciados pelo presidente norte-americano T. W. Wilson em 1918 e outros também viessem a ser aplicados em África, o que só sucederia passados muitos anos; depois da Grande Guerra Mundial de 1939-1945 ou II Guerra Mundial onde os nacionalismos emergiram em força e definitivamente (AMARAL, Ilídio (2000), “*Partilhas territoriais e coloniais na África ao sul do sara: jogos políticos africanos no rescaldo da guerra de 1914-1918*”, in África e a Instalação do Sistema Colonial (c. 1885 – c. 1930)

2. Os participantes:

- 1. Quem era quem:** A “*Tríplice Aliança*” (ou Potências Centrais, que englobava a Prússia – ora avante dito Alemanha – os Impérios Austro-Húngaro e Otomano e a Itália – esta depois trocou de bloco político-militar) e pela “*Tríplice Entente* (ou *Entente Cordiale*, que associava o Reino Unido, a França, a Rússia – que depois abandona o bloco, devido à revolução Bolchevique – e os EUA, estes desde 1917, além de outros países como Portugal, Bélgica, Brasil ou Japão).

2. **Evolução da guerra:** (a *primeira fase*, ou *guerra de movimento*, ocorre de 1914-1915 com a movimentação das forças em confronto – rápida ofensiva dos alemães sobre o território da Bélgica e da França em Setembro de 1914, com os franceses organizarem uma contraofensiva barrando o avanço de seus inimigos sobre Paris, na Batalha de Marne; a *segunda fase*, ou *guerra de posições*, vai de 1915 a 1917, e deve-se às movimentações de tropas na Frente Ocidental que, entretanto, dá lugar a uma *guerra de trincheiras* e foi nesta fase que ocorreu a troca da Itália da Tríplice Aliança para a Tríplice Entente; e a *terceira fase* (entre 1917 e 1918) – ficou marcada pela entrada definitiva dos Estados Unidos na guerra, além de tropas de outros países, como canadenses, australianos, neozelandeses, japoneses, indianos, chineses, brasileiros e, particularmente no caso em estudo, de muitos soldados africanos que viviam sob o colonialismo ou outras formas de dominação europeia).

3. Situação prévia em África:

1. **Divisão do Continente:** O continente africano estava dividido, predominantemente, entre 7 potências coloniais europeias (Alemanha, Bélgica, Espanha, França, Grã-Bretanha, Itália e Portugal); apesar de haver outras potências interessadas no cobiçado projeto colonial africano.
2. **Matérias-primas da África:** A necessidade de captar mais matéria-prima para suportar o desenvolvimento industrial das potências europeias, em especial, no caso da Grã-Bretanha (Inglaterra), França e a Alemanha terá levado estas potências a entrarem em guerra, facto que, na realidade, já se verificava há umas dezenas de anos no continente africano. Mas, também, o expansionismo territorial era uma das causas para o desenvolvimento da guerra.
3. **Várias crises político-militares:** A *crise de Fachoda*, entre a França e a Inglaterra (1898/99), no atual Sudão do Sul (a construção de ferrovias anglo-francesas que se intersetavam, a presença de forças expedicionárias antagónicas dos dois países e as movimentações prussianas junto de sobados africanos terão levado a França a assinar a *Entente Cordiale* que dava o Egipto à Inglaterra e Marrocos e parte do Sudão à França); para essa assinatura também contribuiu a *Crise Marroquina de 1905-1906* ou Crise de Tânger, provocada pelos prussianos que tentaram usar uma questão emergente, a

independência do Marrocos – facto repetido em 1911 com a ocupação naval de Agadir por parte de tropas alemães.

4. **A questão de Barotze** (dirimida entre Portugal e Inglaterra, entre 1890 e 1905, sobre uma parte do território de Angola no Alto Zambeze); ou não esquecer a questão do Mapa Cor-de-Rosa provocada pelos ingleses que exigiram a entrega, por parte de Portugal, dos territórios compreendidos entre Angola e Moçambique, pelo Ultimato de 1886-90 e que contribuiria para levar à queda do regime monárquico em Portugal.

5. **A crise anglo-boer:** esta crise ocorreu entre 1899 e 1902 e teve como protagonistas *boers* sul-africanos, agrupados nas Repúblicas do Transval e a República Livre de Orange, e a potência colonial britânica, esta quase toda acantonada na região da Cidade do Cabo, na parte mais austral de África. A questão anglo-boer levou que britânicos, com cerca de 500 mil homens bem armados, e *boers*, a maioria mal armada e ruralizada (ou agricultores, *os boers*) se tenham confrontado pela ocupação territorial. Nesta altura, dois países acabaram por ser partes importantes nos confrontos anglo-boers: Portugal e Alemanha. Enquanto os ingleses estavam bem armados, nomeadamente com metralhadoras *Vickers-Maxim*, e comandados, nomeadamente por Lord Kitchener – reconhecido pelas purgas feitas no Sudão onde praticou várias chacinas – os *boers* estavam armados com pequenas espingardas de desenhadas por um militar português e encomendadas numa fábrica algures na Europa, as Guedes; uma arma que os portugueses desistiram de usar e que os boers compraram baratas ao fabricante, ainda que com o selo régio de D. Luiz. A crise anglo-boer terminou com um tratado de paz que foi assinado no fim de Maio de 1902, com a inclusão das antigas repúblicas boer no protetorado britânico que se tornaria mais tarde na União Sul-Africana sob domínio africânder, de ascendência bóer.

6. **A crise de Quionga:** em Moçambique, mais concretamente na região de Quionga, em 1894 aconteceu uma anexação daquele território por parte da Alemanha (um pequeno território de cerca de 3000 km², na margem sul do rio Rovuma, junto à foz, incorporando-o na sua colónia germânica do Tanganica). Tudo na linha do que ingleses e germânicos tinham conluiado em 1898 para a partilha dos territórios portugueses de Angola e Moçambique entre as duas potências (a quase totalidade de Angola e a zona moçambicana do Niassa iam para a Alemanha; enquanto o sul de Angola e todo o

território moçambicano eram entregues aos ingleses). Esta pretensão acabou revogada (por Portugal não ter entrado em bancarrota) voltou às câmaras diplomáticas anglo-germânicas em 1913, só anulada pelo conflito iniciado a 4 de Agosto de 1914. Esta situação, caso se concretizasse, iria colidir com a pretensão inglesa – segundo a visão e Cecil Rhodes – de ligar Cabo ao Cairo; porque a visão geográfica da Alemanha era unir a África Ocidental germânica (do Togo à Namíbia) à África oriental alemã (Tanganica e parte de Moçambique), ou seja, um mapa-cor-de-rosa germânico.

4. Participação africana:

1. **Colónias Francesas:** Recentes documentos, entretanto disponibilizados, mostram que a presença dos africanos foi muito maior do que parecia expectável. Num recente apontamento colocado no blogue “*Philosopher’s Tree*”, o *blogger* Al Shaw (2007) recorda que a participação de expedicionários africanos (soldados e carregadores) junto das forças anglo-francesas se elevou a mais de 500.000 indivíduos; ainda de acordo com este blogger de entre os mais de 1.186.000 tropas francófonas mortas em combate, cerca de 71.100 eram provenientes das colónias francesas da Argélia, Madagáscar, Marrocos, Senegal e Tunísia (Quadro 1 – ver no final).
2. Genericamente, as **forças coloniais do África do Norte**, agrupados no 19º Corpo expedicionário (reconhecido pelo “*Exército da África*”, cujo emblema era um crescente) participaram nos teatros de operações da França, na Turquia (Dardanelos), nos Balcãs e na Palestina (onde se distinguiram ao lado das tropas britânicas na decisão Nablus, de 19 a 25 de Setembro de 1918).
Entre 1914 e 1918 participaram no conflito, ao serviço da França, mais de 290 mil soldados magrebinos:
173.019 argelinos;
80.339 tunisinos; 40.398 marroquinos.
No final da guerra, em Novembro de 1918, as perdas magrebinas ascendiam a 28.200 mortos e 7.700 desaparecidos.
3. Por sua vez, de notar que os militares da região do *Senegal*, globalmente integradas no corpo expedicionário da África Ocidental Francesa (AOF) são vistas como o primeiro corpo militar colonial francês, criado em 21 de Julho de 1857, pelo então governador da AOF, Louis Faidherbe. A participação senegalesa, no final do conflito ascendeu a mais de 135 mil militares (entre o conflito europeu e na Ásia) com mais de 30 mil vítimas.

4. **Forças britânicas:** Já a participação de colônias e membros da *Commonwealth* foram mais evidentes na região oriental de África entre o norte do então território português de *Moçambique* e a então *Rodésia do Norte* (Zâmbia) devido às penetrações militares levadas a efeito por tropas alemãs e expedicionários africanos da então colónia alemã de Tanganica sobre a região que ia das margens e foz do Rio Rovuma a Quelimane (Moçambique) e incursões em Niassalândia (Malawi) e Rodésia do Norte.

De uma maneira geral as forças expedicionárias anglo-africanas vieram da Nigéria, Gâmbia, Serra Leoa, Gold Coast (atual Gana), Quênia, Uganda, Niassalândia (Malawi), Rodésia (Zâmbia e Zimbabué) e África do Sul (estes com comando próprio). De uma maneira geral, terão participado cerca de 55 mil africanos anglófonos como combatentes e centenas de milhares como carregadores e auxiliares. Registaram-se cerca de 10 mil mortos entre os expedicionários africanos que combateram ao lado das tropas britânicas.

Mas as principais forças africanas anglófonas em África foram sustentadas pelas forças *sul-africanas* que colocaram nos terrenos de ação mais de 200.000 soldados registando cerca de 10.000 vítimas entre os seus soldados brancos e negros. Ainda assim, registe-se a presença de soldados sul-africanos no teatro de operações europeus, nomeadamente, no canal inglês, quando em 1917, cerca de 600 soldados da *African Native Labour* – soldados africanos negros agregados ao corpo expedicionário britânico – foram mortos devido ao afundamento do navio britânico SS Mendi.

5. **Forças portuguesas:** A primeira investida alemã em território português ocorreu em *Moçambique* quando, na madrugada do dia 25 de Agosto de 1914, pouco depois de definida a atitude portuguesa no conflito europeu, forças provenientes do *Tanganika* (Tanzânia), dirigidas por dois europeus, atacam por surpresa o posto de Maziúá, na fronteira junto ao rio Rovuma (ver Mapa 3), saqueando-o e incendiando-o bem como muitas casas indígenas.

Outra das maiores batalhas em território ocorreu nas margens do rio Nhamacurra, a norte de Quelimane, em Julho e Agosto de 1918, e envolveu forças sul-africanas, comandadas pelo general Smuts. As forças germânicas, comandadas pelo coronel Von Lettow Ferbeque, eram constituídas por 15 companhias, enquanto o destacamento aliado não ultrapassava 6 companhias: 3 portuguesas, duas das quais moçambicanas, e 3 britânicas.

De acordo com António J. Pires a guarnição germânica na região, no início do conflito, ascendia a cerca de 10.000 homens (2.200 polícias indígenas, 2.200 forças do protetorado, 3.000 reservistas, 2.500 militares agrupados num corpo expedicionário (denominado NCOS), 436 oficiais e 1.500 soldados alemães) e 3 navios (Sudibei, Rubens e o cruzador Koenisberg). No final da guerra o corpo expedicionário germânico era constituído por 2.309 europeus e 11.621 soldados indígenas e 30.000 carregadores. Já o general Ferreira Martins aponta para um número um pouco menos elevado: 40.000 os mobilizados (onde se incluem 19.500 da parte portuguesa). Quanto às vítimas da guerra na região estas elevaram-se a 2.324 soldados (entre europeus e africanos) e 2.487 carregadores. De registar que os principais combates no sul da Tanzânia ocorreram em Nevala (ou Newala) e Nangadi, em Agosto de 1916; Nica, em Setembro de 1916, e Maúta, em Outubro de 1916. Na mesma altura, em 1915, e aproveitando-se da guerra entre as potências europeias, o povo Makonde rebelou-se, o que colocava as forças de defesa moçambicanas sob dois fogos.

6. Em Angola houve diversas escaramuças resultantes da vontade alemã de juntar o sul do território à *Deutsch-Südwestafrika* (Sudoeste Africano/ Namíbia). Duas das principais escaramuças verificadas, ocorreram logo no início do conflito, entre Outubro e Dezembro de 1914, com o massacre de Cuangar, Cunene (Outubro), e quando um corpo expedicionário germânico proveniente das terras áridas do Sudoeste africano, lideradas pelo capitão Weiss atacou e desbaratou o corpo expedicionário português na Batalha de Naulila (18 de Dezembro). Todavia, Este ataque surgiu como represália pelo ataque e aniquilamento de uma expedição científica e comercial germânica a margem esquerda do Cunene em missão não autorizada, bem como a apreensão do comboio dos 11 carros boers, e que visava levar por diante a vontade germânica de criar a *Mittelafrika* que ia do eixo *Kamerun-Togoland*, e incluindo a bacia do Congo, até à do Zambeze (uma ligação do Atlântico ao Índico), o que contrariava as anteriores pretensões de divisão anglo-germânica anteriormente abordada (Fernandes, 2014). Da Batalha de Naulila resultaram a morte de cerca de 150 expedicionários portugueses e uma declaração de guerra da Alemanha, em Março de 1916. Com Cuangar e Naulila emergiram revoltas indígenas lideradas por Cuanhamas e Cuamatos (Angola) e por arrastamento boers e povos ovambos, até porque a região da Damaralândia (ou Damara, no Ovambo, Namíbia) do outro lado do

Cunene tinha sido invadida e ocupada por expedicionários sul-africanos comandados pelo general Bota.

Em 1915, os germânicos atacam o território angolano na região de Mongua, originando, em simultâneo, uma rebelião entre os povos Humbe, Cuanhama e Cuangar contra a presença portuguesa.

Participaram neste conflito além das tropas germânicas de Damaralândia, 12.430 soldados luso-angolanos (387 oficiais portugueses e 12.043 luso-angolanos) bem como 2 companhias moçambicanas landins; no final do combate registaram-se cerca de 810 vítimas mortais entre as tropas expedicionárias portuguesas e angolanas

5. A nova África pós 1918 / Conclusão:

A Primeira Guerra Mundial deu origem a uma mudança fundamental na relação entre a Europa e África. Mais de dois milhões de pessoas na África fizeram enormes sacrifícios para que os aliados europeus superassem a sua crise político-militar. Cerca de 100.000 africanos de origem britânica e portuguesa morreram no leste da África; já na África do Norte francesa e África Ocidental Francesa cerca de 65.000 africanos perderam suas vidas; (o Gráfico é mais completo).

Mas as grandes mudanças ocorreram na redistribuição e no realinhamento das fronteiras coloniais.

A Alemanha, como compensações de custos de Guerra, perdeu a totalidade das suas colónias que foram redistribuídas, nuns casos, ou redefinidas, em outros casos. A Togolândia foi entregue à França e os Camarões divididos entre a República francesa e o Reino Unido; a Tanganica entregue à administração britânica; a região de Urundi (Ruanda e Burundi) foi colocada sob tutela do reino da Bélgica; já o Sudoeste Africano tornou-se um protetorado britânico sob administração sul-africana.

Também as colónias portuguesas receberam compensações territoriais como já referido.

As fronteiras internas do continente africano, desenhadas, na maioria, na Conferência de Berlim, voltavam a ser redesenhadas e emergiu o pan-africanismo.

Não foi só em África que houve uma reestruturação das fronteiras: também na Europa as fronteiras foram redesenhadas conforme os interesses político-geográficos.

Finalmente, o que os africanos esperavam e desejavam com a sua participação num conflito que não era deles, mas das potências coloniais, não aconteceu; ou seja, uma maior participação nos destinos dos seus territórios, melhorias constitucionais, económicas e sociais e um passo significativo a caminho da autodeterminação dos seus territórios. Como não aconteceu começou a emergir um radicalismo antieuropeu e antinacionalista que tem o seu apogeu nacionalista com o fim da II Guerra Mundial. Entretanto, ocorrem Congressos Panafricanistas entre 1919 e 1945 que têm o apoio dos EUA e da URSS.

Simultaneamente, vários povos aproveitaram o conflito para se rebelarem contra o colonizador, como foram os casos de Angola (na região do Cunene: Cuanhamas, Cuamatos e Humbes), Moçambique e Tanzânia (com os Makonde) ou no delta do Níger, no Quênia e no Uganda (britânicos). Estas rebeliões foram, na maioria dos casos, forte e rapidamente aniquiladas.

Obrigado pela vossa atenção.

2-3 de Julho de 2014 (transmitido em 3 de Julho de 2014, Painel 9)